

O inconsciente e o corpo

Zilda Machado

A questão do corpo na psicanálise entranha uma complexidade que percorre todo o ensino de Lacan. Para verificar então o que ele tem a dizer sobre o corpo, temos de ter isso em mente para que ao percorrermos cada uma das fases de prevalência de determinado registro — Real, Simbólico ou Imaginário — possamos enlaçar estas elaborações com as precedentes e com as que Lacan irá avançar ao longo de seu ensino. É o que tentaremos articular neste trabalho.

Notemos que as dimensões do imaginário, do simbólico e do real, desde o início do ensino de Lacan, se entrelaçam para articular o que especifica o corpo do humano. Pois, tomando seu *Estádio do espelho*, que espelho é esse, senão o olhar do Outro que reflete ao sujeito sua imagem e o marca enunciando aquilo que ele é, que ele fica sendo, a partir da assunção, da incorporação de seus ditos?

Cativo da inscrição que desde aí enoda o real do corpo vivente, o banho de língua que lhe provém do grande Outro, e o imaginário que lhe antecipa e precipita uma identidade onde ele se faz Eu, só assim o ser falante pode vir a possuir seu corpo. Ou seja, só assim ele poderá dizer que “tem um corpo”. Um corpo que ele pode então adorar, por crer que o tem, como nos diz Lacan, o que o leva a dourá-lo, a enfeitá-lo, a usá-lo, a manuseá-lo, a desfrutar dele, ou em outros casos, pode vir a ter o corpo, a constituí-lo por maltratá-lo, por furá-lo, por cortá-lo, por dependurá-lo...

Ou seja, Lacan concebe o corpo por diversas facetas, culminando em postulá-lo como ponto central para a psicanálise no momento em que, ao final de seu ensino, introduz o conceito de *falasser (parlêtre)*, por conceber que a linguagem (sob a forma de lalíngua) afeta o corpo, ou seja, é causa de gozo. Já não será mais suficiente o conceito de “sujeito”, pois a este só concernem os efeitos de representação do significante.

No ensino de Lacan temos o tempo da prevalência do imaginário, o da prevalência do simbólico e o da prevalência do real. No entanto, desde o texto *Os complexos familiares*, de 1938, e principalmente na Conferência de 1953, intitulada *Simbólico, Imaginário e Real*, Lacan já explicita esse ternário.¹ A equivalência dos três registros, porém, só será demonstrada ao final de seu ensino, quando ele postulará que não há a prevalência de um sobre o outro: Real, Simbólico e Imaginário são consistências que têm o mesmo valor. É só nesse momento que o corpo ganha seu estatuto definitivo para

¹ Lacan, *O Simbólico, o Imaginário e o Real*. (1953/2005).

a psicanálise lacaniana.

Inicialmente, então, Lacan toma o corpo através de seu “*O Estádio do espelho*”.² E ali ele nos mostra que, raiz do desamparo que acompanha o humano, a prematuridade de seu nascimento o lança em uma posição de insuficiência e de impotência motora que leva o *infans* à absoluta dependência de seu semelhante. Incapaz de se orientar pelo instinto como os demais animais, ele se encontra à mercê do que vem do Outro para sua sobrevivência, e mais que isso, para sua constituição como um humano — um ser falante. Mas notemos que este “à mercê” diz respeito somente a um tempo mítico inicial, pois em seguida o sujeito se coloca em ativo trabalho psíquico.³

Nesse momento no ensino de Lacan, é a imagem do corpo que está em questão. Imagem essa que se constitui a partir do reflexo da imagem do outro e tem o poder de antecipar ao *infans* uma unidade corpórea que vem substituir a percepção de seu corpo como despedaçado. A assunção, a identificação jubilatória com a imagem refletida no espelho leva à constituição do corpo imaginário que terá toda a importância para o ser falante. Raiz do narcisismo primário, essa imagem é também a matriz constitutiva do Eu (que não existe de início); do pequeno outro (que funcionará como um duplo do Eu); e também, nos diz Lacan, a assunção dessa imagem leva à constituição da realidade. Pois inicialmente também a realidade é percebida de forma fragmentária e só será ordenada refletindo as formas do próprio corpo. Ou seja, medimos o mundo por nosso nariz.⁴

É esta imagem, portanto, que dá forma, dá consistência mental ao corpo e consistência à realidade. É o que Lacan já apontava em 1938 (no texto “*Os complexos familiares*”⁵) e é o que ele reafirma em 1975, em *O Seminário, Livro 23: o sintoma*, quando dirá: é o imaginário que dá consistência ao ser falante: “O que quer dizer consistência? Quer dizer o que mantém junto. É o que leva o *falasser* a crer que ‘tem’ um corpo, ou seja, é a raiz do imaginário.”⁶ E notemos que a essa imagem do Estádio do espelho Lacan denomina “matriz simbólica”, e não “matriz imaginária”.

Então, cabe uma pergunta: o que vela ou desvela a imagem do corpo? Se tomarmos a escrita do Eu, i(a), veremos que a imagem do corpo se sustenta no objeto *a*. Objeto *a* que, como sabemos, é o resto da operação de constituição do sujeito pela via significante.⁷ Na imagem está velado o objeto *a* enquanto olhar — pulsão escópica. Objeto pequeno *a*, olhar, que surge no ponto de confluência entre o que vê e o que é visto. O objeto *a* marca um transitivismo entre o campo do sujeito e o campo do Outro, a partir da queda desse objeto que *ex-siste*, só existe como falta. Não é do sujeito nem é do Outro, é um objeto inobjetivável, é um objeto que falta tanto a um quanto ao outro, mas que causa o desejo ou causa a angústia. Nesse

² Lacan, *O estádio do espelho como formador da função do eu*. (1936/1998).

³ Freud, *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. (1914, p. 93)

⁴ Lacan, *Complexos Familiares*. (1938/2003, p.48).

⁵ Ibid.

⁶ Lacan, *O Seminário, Livro 23: O sintoma*. (1975-1976/2008, p.63-4).

⁷ Lacan, *O Seminário, Livro 10: A angústia*. (1962-1963/2008, p.178-9).

transitivismo pulsional o que se desvela é a posição de objeto do sujeito, com a qual ele tem de operar.

Para dar conta dessa complexidade, Lacan, retomando Freud, fala da gramática da pulsão, pois só a flexão da gramática (voz ativa, voz passiva e voz média) pode dar conta do circuito pulsional:⁸ o sujeito olha — ele é olhado/se faz olhar — e ele se vê olhando. A pulsão escópica tem uma especificidade sobre as outras, nela há uma fase anterior na qual o próprio corpo é tomado como objeto — só depois vem o corpo de outrem.⁹ Segundo Freud, essa fase preliminar da pulsão autoerótica é a fonte de todas as vicissitudes posteriores da pulsão escópica, pois ela será obrigada a satisfazer estas três fases ao mesmo tempo: tanto o sujeito olha, como é olhado, como se vê vendo. Lacan, em seu seminário sobre a angústia, tomará como paradigma da pulsão escópica a posição de Édipo ao ser olhado pelos olhos que acabara de arrancar de si: pura angústia, desvelando o lugar do sujeito como objeto.¹⁰ Ao insuportável dessa posição, o sujeito responde recobrando com o Eu — i(a) — ou o véu da fantasia: S/<> a (o sujeito barrado em articulação com sua posição de objeto).

Temos aí no Estádio do espelho um enodamento que amarra os três registros e dá uma primeira ancoragem ao gozo como o júbilo experimentado que se liga a uma imagem. Mas algo do corpo escapa à imagem, há um real que retorna do espelho e que nem o simbólico nem o imaginário conseguem dar tratamento.

Tomemos então o corpo na dimensão simbólica. Foi grande o esforço de Lacan para tirar a psicanálise da concepção imaginária que lhe fora dada pelos pós-freudianos. É essa a função do que ele chamou o seu “retorno a Freud”: demonstrar de forma taxativa o primado da linguagem, do significante, quer dizer, do simbólico na determinação do sujeito e, portanto, na psicanálise. Para isso, Lacan levou a cabo o esforço de Freud de dar à psicanálise o estatuto de ciência e tomou a linguística como referência por seu valor entre as ciências humanas. Lacan foi tão veemente na defesa da soberania do simbólico sobre o imaginário, que por muito tempo o corpo ficou fora do interesse dos psicanalistas, pois se entendia que falar do corpo era somente falar do imaginário.

Mas, tomando o corpo pelo viés simbólico, Lacan o denomina o verdadeiro corpo. “O verdadeiro corpo, o corpo primeiro”, ele nos diz em *Radiofonia*, “é o corpo do simbólico, mas é um corpo incorporal”.¹¹ E esse primeiro corpo faz, no sentido de fabricar, o corpo do ser falante “por se incorporar nele”. A partir dessa incorporação do simbólico, dos significantes que vêm do Outro, “o corpo se faz verbo” e só poderemos abordá-lo por uma anatomia significante. Ou seja, vemos aqui o gozo do corpo como condição do simbólico,

⁸ “Freud nos introduz agora à pulsão numa via das mais tradicionais, fazendo uso a todo momento dos recursos de língua, e não hesitando em se fundar em algo que só tem pertinência a certos sistemas lingüísticos, as três vias, ativas, passivas e reflexivas. (...) O que é fundamental, no nível da pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura. (...) É notável que Freud não possa designar dois pólos senão usando desse algo que é o verbo.” (Lacan, *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964/1979, p.168)).

⁹ Anotações pessoais da conferência “O corpo na anorexia”, de Mônica Lima, no Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte, em dezembro de 2009.

¹⁰ *O Seminário, Livro 10: A angústia*. (op. cit.).

¹¹ Lacan, *Radiofonia*. (1970/2003, p.406).

¹² “Nós, psicanalistas, sabemos que a verdade é a satisfação a que o prazer só se opõe na medida em que ela se exila no deserto do gozo. (...) O masoquista decerto sabe chamar esse gozo, mas ao demonstrar (...) o que acontece com o corpo para todos – que ele é, justamente, esse deserto”. (Lacan, *Da psicanálise em suas relações com a realidade*. (1967/2003. p.357)).

¹³ Lacan, *A terceira*. (1974/1988).

¹⁴ Lacan, *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. (1972-1973/1982, p.152).

¹⁵ Lacan, *Da psicanálise em suas relações com a realidade*. (op. cit., p.354).

¹⁶ *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. (op. cit., p.188).

o gozo sendo nomeado. A carne a partir de então fica mortificada, negativizada, pois a palavra causa a mortificação da coisa. A consequência dessa operação é que o gozo que emerge está radicalmente separado do corpo, está expulso do corpo. Por isso Lacan diz que o corpo é um deserto de gozo.¹² A satisfação será fora do corpo, se dará através da operação do significante fálico, isto é, passará necessariamente pelas palavras.

Mas a linguagem que corporifica e que mortifica o corpo também o aparelha para o gozo. Por isso, como diz Lacan em *A Terceira*, o que de melhor se pode fazer é falar “me abraçe forte”.¹³ E nessa demanda, nesse “se fazer abraçar”, algo da pulsão se realiza, e assim restitui-se um pouco de gozo no deserto do corpo. Mas o que se depreende aí é a castração. A estrutura, nos diz Lacan, é do mesmo texto que o gozo, pois o que advirá é um “*Não é isso* — aí está o grito por onde se distingue o gozo obtido do gozo esperado”.¹⁴ Por isso, “do psiquismo, é a insatisfação que constitui o componente primordial”¹⁵ — o objetivo da pulsão nada mais é que seu retorno em circuito, na repetição.

Também da incorporação simbólica há um resto, algo permanece impossível de passar para o significante: o objeto *a*, semblante no buraco do real. Esse irreduzível objeto da psicanálise, resíduo corporal situado fora, no campo do Outro, *extimo*, coloca em operações a constituição do Eu e da fantasia, como vimos, e também coloca a trabalho a montagem pulsional. Temos então as duas modalidades do objeto *a*: como causa de desejo e em sua versão de gozo, o mais-de-gozar.

O ser falante está compelido ao eterno contorno desse objeto nos desfiladeiros da demanda, na tentativa de resgatar, de recuperar um fragmento do gozo perdido e ansiado desde a mítica experiência de satisfação. Entra em cena o corpo pulsional constituído pelas ilhas de gozo no deserto do corpo — as zonas erógenas — e seu aparelhamento significativo para contornar o objeto no campo do Outro.

Outra forma de o gozo retornar ao corpo é pelo sintoma, pois este é a presentificação no corpo do retorno do recalçado pulsional tecido nas veredas da fantasia. Mas Lacan avança para além do corpo no viés do real da pulsão, e para além do sintoma como retorno do recalçado, culminando com as modificações que ele introduz principalmente a partir de seu *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*, onde o corpo assume papel central em sua articulação com o Inconsciente real, estruturado como *lalíngua*, a linguagem que de fato concerne à psicanálise.¹⁶

Para elaborar a categoria do real, Lacan rompe com o campo da linguística mostrando que a linguagem que interessa à psicanálise não é a da ciência, não é a da maquinaria formal do significante deslizando infinitamente na cadeia. O simbólico que concerne

à clínica psicanalítica é o do significante como causa do gozo do corpo, ou seja, *lalíngua*¹⁷ (não é mais, portanto, o gozo que causa o simbólico, o gozo nomeado, é, ao contrário, a palavra causando o gozo). Por isso Lacan diz: “A linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamo alíngua”;¹⁸ ou ainda: “A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua. É uma elucubração de saber sobre alíngua”.¹⁹

Lalíngua não é a linguagem que se aprende, é a forma como a língua materna foi captada e provocou ranhuras no corpo — a forma pela qual foi escrito o texto inconsciente no corpo. Por isso está incluído em lalíngua não só o dizer do Outro (não é o significante imputado ao sujeito), mas também o escutador — aquele que “escuta a dor” — provocando não efeito de sentido, mas efeito de afeto, de gozo no corpo. Portanto, o encontro de lalíngua com o corpo sulca a carne e a faz falar, marcando o inconsciente como o real que dá voz ao corpo.²⁰ Dá voz à substância gozante, à parte do vivo que permanece em cada um.

Lalíngua anima o corpo e inaugura a opacidade do gozo, numa transmissão oral que exclui o sentido e se sustenta na homofonia dos significantes, raiz do mal-entendido onde nada o ser falante. Pela maneira particular como isso se deu, pela contingência desse acontecimento, se constitui um *falasser* em sua singularidade de gozo: “o que implica a maneira pela qual o inconsciente produziu seus efeitos no nível do corpo”,²¹ pela escrita marcada no corpo.

Ou seja, o *falasser* é o sujeito (aquele que somente é representado pelos significantes) amalgamado a seu ser de gozo, sua única, mas enigmática essência. Um *troumatisado*, um traumatizado pela hiância, pela falta que o constitui. Portanto, é aquele que carrega os traços desse encontro no corpo, constituído em sua alteridade radical e que o compele ao sintoma, um “acontecimento do corpo”.²²

O sintoma, portanto, não é só retorno do recaiado, mas uma articulação do real como impossível, uma resposta ao mistério do corpo falante, ao “mistério do inconsciente”.²³ Pois o corpo, nos diz Lacan, é o Outro: “(...) esse lugar do Outro não deve ser buscado em parte alguma senão no corpo, que não é intersubjetividade, mas cicatrizes tegumentares no corpo”.²⁴ Soler comenta esta passagem em seu seminário dizendo: “(...) a substância gozante não goza sozinha, ela não goza senão pela mediação (...) dos significantes que vêm do lugar do Outro (...) que não é para se tomar senão no corpo”.²⁵ Eis aí o mistério: essas marcas “são aquelas deixadas por uma certa maneira de ter relação a um saber, que constitui a substância fundamental daquilo que é inconsciente”.²⁶ O que dá vida ao corpo, portanto, não é só a imagem, é também, e principalmente, sua capacidade de gozar. Um corpo, “isso goza”, mas nada sabe — é morada, *diz-mansão* do gozo.²⁷

¹⁷ *Lalíngua*: o significante em sua materialidade, desconectado do efeito de sentido, pois não se articula em cadeia, só sendo referido ao Um do gozo.

¹⁸ *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda.* (op. cit., p.188).

¹⁹ *Ibid.*, p.190

²⁰ Lacan, *O aturdido.* (1972/2003, p.463).

²¹ Izcovich, *L'être de jouissance.* (2009, p.43).

²² *A terceira.* (op. cit.).

²³ *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda.* (op. cit., p.178).

²⁴ Lacan, *A lógica da fantasia.* (1969/2003, p.327).

²⁵ Soler, *L'en corps du sujet.* (2001-2002, p.108).

²⁶ Lacan, *Le Symptôme.* (1976/2001-2002, p.50).

²⁷ *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda.* (op. cit., p.156).

Para finalizar, não há nenhuma naturalidade na relação do sujeito com seu corpo. “Ter um corpo” é fruto de complexa operação que implica o enodamento dos três registros. Algo completamente singular, trançado por cada um a partir da contingência de seu encontro com o Outro — puro acaso —, mas que para suportar a falta de sentido, revestimo-lo de destino porque precisamos garantir a existência do Outro para além do corpo.

Mas a importância de tudo isso é a modificação que essas elaborações trazem à condução do tratamento analítico. Toda a modificação teórica que supõe os conceitos de falasser, de lalíngua e de inconsciente real tem a ver com o sintoma como um acontecimento do corpo. Como operar, então, na clínica analítica para sua eficácia? A pista é Lacan quem nos dá. No *Seminário 20* ele diz: “um corpo, isso se goza. Isso só se goza por corporizá-lo de maneira significativa”.²⁸ É pela via significativa que podemos abordar o gozo do corpo. É a via significativa particular de cada sujeito que poderá dar o sentido do gozo, no singular, portanto, de cada caso. E então nossa intervenção poderá tocar o real quando, como nos diz Lacan nas *Conferências Norte-americanas*, levar em conta, naquilo que é dito pelo analisante, a sonoridade, a melodia, aquilo que ressoa como equivocidade, pois só a sonoridade das palavras pode ser consoante com o inconsciente.²⁹

²⁸ *Ibid.*, p.35.

²⁹ *Len corps du sujet.* (op. cit., p.50).

Referências Bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1914) *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV.)
- IZCOVICH, Louis. L'être de jouissance. L'en Je lacanien, vol. 11. França: Éditions Érès, 2009, pp. 35-46.
- LACAN, Jacques. (1936) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. (1938). Complexos familiares. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. (1953) O Simbólico, o Imaginário e o Real. In: _____. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: A angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.
- LACAN, Jacques. (1967) Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: _____. *Outros escritos. Op. cit.*
- LACAN, Jacques. (1969) A lógica da fantasia. In: _____. *Outros escritos. Op. cit.*
- LACAN, Jacques. (1970) Radiofonia. In: _____. *Outros escritos. Op. cit.*
- LACAN, Jacques. (1972) O aturdido. In: _____. *Outros escritos. Op. cit.*
- LACAN, Jacques. (1974) A Terceira. In: _____. *Intervenciones y Textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 23: O sintoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LACAN, Jacques. (1976) Le Symptôme. Conferências Norte-Americanas. Silicet n. 6/7. Éditions du Seuil, Paris, 1976.
- SOLER, Colette. L'en corps du sujet. Formation Clinique du Champ Lacanien, Collège clinique de Paris, Cours 2001-2002.

Resumo

A questão do corpo na psicanálise entra numa complexidade que perpassa todo o ensino de Lacan. Portanto, ao percorrermos cada uma das fases de prevalência de determinado registro (Real, Simbólico e Imaginário), devemos também enlaçar estas elaborações com as precedentes e com as que Lacan irá avançar ao longo de seu ensino. É o que tentaremos fazer neste trabalho, partindo do “corpo imaginário”, passando pelo “corpo simbólico” até chegar ao corpo no real (o real da estrutura), com as últimas elaborações de Lacan. Ou seja, ao final de seu ensino o corpo adquirirá seu verdadeiro estatuto para a psicanálise: um enodamento das consistências Real, Simbólico e Imaginário, o que trará profundas modificações, tanto teóricas quanto para a clínica psicanalítica.

Palavras-chave:

Corpo; inconsciente; substância gozante; *lalíngua*; psicanálise.

Abstract

The body question in Psychoanalysis carries a complexity embodied in all Lacan's work. Hence, once we deal with each one of the prevailing phases from a determined registry (Real, Symbolic and Imaginary), there is the need to connect these elaborations with their predecessors and with those Lacan entails on the way of his teaching. Having as a starting point the Imaginary body, going along the Symbolic one until we reach the Real from the structure with Lacan's latest considerations is the path we are willing to explore in this paper. At the end of it, the body will detain a trustworthy psychoanalysis estate: the junction of the Real, Symbolic and Imaginary registries, what will bring severe modifications to the Psychoanalysis Clinic.

Keywords:

Body, unconscious, psychoanalysis, *jouissance* substance, *lalangue*.

Recebido

10/07/2010

Aprovado

08/09/2010

